



A via purgativa

Description

por Rolland Bermann

O Caminho do RER é, portanto, em parte diferente daquele proposto pelos outros Ritos, pois é de natureza mais essencialmente especulativa. Isso é aliás precisado no texto citado da carta de J. de Maistre: “Certos Ritos, entre os quais o RER, adicionaram uma dimensão mais especulativa”, e é isso que constitui sua dificuldade. O termo “especulativo” deve ser entendido aqui, como sempre nos documentos fundadores, em seu sentido antigo de “considerar em espírito, meditar”; ele se opõe à “o que é prático”. Assim, nosso Rito é uma via, eu deveria dizer uma metodologia, de conhecimento íntimo, de conhecimento do coração, desse conhecimento imediato, intuitivo, que só pode ocorrer após um longo amadurecimento. O buscador, desperto por aquilo que o faz viver o ritual, utiliza conjuntamente a intuição e a razão. Mas ele deve sempre lembrar que a lógica humana é, para uma grande parte, individual e mutável. Ao juntar a isso, por um lado, a definição dada à iniciação nas Instruções citadas, e por outro, os caracteres próprios ao Rito e provenientes dos Eleitos Coëns de Martinez de Pasqually, caracteres que sustentam uma teosofia que cada um deverá abordar um dia, pois esses caracteres não se encontram em nenhum outro lugar na Maçonaria, e se abstrairmos de algumas analogias nos rituais de Swedenborg, tornar-se-á mais justo dizer que o RER tem uma orientação espiritual ainda mais do que especulativa.

Essa dimensão já figura, para quem quer estar atento, nas três questões de Ordem oferecidas à meditação do candidato durante sua estadia na Câmara de Preparação em cada etapa de sua vida maçônica.

É por isso que essa fraternidade essencial, que reina entre nós e deve nos tornar atentos ao outro em um caminho ativo, é um fator indispensável para a abertura do caminho, para ajudar a afastar os obstáculos de toda ordem, obstáculos mais internos do que externos. Ela só pode oferecer um suporte e um conforto ou servir de guia quando inevitavelmente surgem dúvidas ou até mesmo cansaço. Quem nunca sentiu um ou outro em algum momento? Isso ainda mais porque, como disse com razão J.-B. Willermoz, ninguém pode transmitir ou fornecer aquilo que provém de uma percepção íntima e

que, por sua natureza, não pode ser verbalizado. Não é pelo outro, mesmo que o outro seja indispensável para seguir o caminho sem falhar, mas por si mesmo que podemos tentar conceber a aproximação, mesmo que seja apenas uma simples abordagem, mais elevada, da iniciação tal como definida anteriormente.

Cada um de nós sabe que todo caminho iniciático tradicional compreende três fases essenciais, como se faz alusão ao ser exposto na tentativa de responder à pergunta: “Qual é o nosso dever ao iniciar um profano?” Essas fases podem se manifestar de diferentes maneiras e ser mais ou menos desenvolvidas conforme os ritos praticados, mas permanecem sempre intrinsecamente ligadas ao caminho que leva à realização. No que diz respeito ao nosso Rito, essas etapas, ou meios, implementados por sua arquitetura interna podem ser definidas como:

- Praxis, método ritual destinado a conduzir o iniciado à autodomínio e ao desprendimento pela eliminação ou transformação das paixões;
- Physiquenia, ou contemplação da natureza divina intangível através da impermanência dos seres e das coisas;
- Theosis, ou deificação, ou seja, a reintegração da semelhança perdida e a união íntima com o Princípio Supremo.

Para isso, nossos rituais nos fornecem os métodos e ferramentas necessários, basta apenas que saibamos vê-los e utilizá-los. Isso exige nosso desejo, nossa vontade e nossa atenção.

Com efeito, lembremos do dia de nossa recepção em A.: aquele dia, no rito da cerimônia, nos foram apresentados, na prática, três estados sucessivos: Buscador, Perseverante e Sofredor. A instrução moral de A. precisa: “Esses três estados de Buscador, de Perseverante e de Sofredor estão tão ligados ao homem de desejo que é nosso dever lembrá-los juntos ao retraçá-los por cada uma de suas viagens.”

É uma abordagem ternária como tudo neste Rito. Esses três estados, que nos foram apresentados como sucessivos, na verdade não são dissociáveis e permanecem profundamente entrelaçados em nós ao longo de nossa vida maçônica. É preciso insistir nisso, pois mesmo que isso não seja dito ou repetido explicitamente, cada grau deixará sua marca, não existem sempre três viagens em cada um deles? Isso também é uma das especificidades do RER. O ensino é dado em uma espécie de espiral que faz com que cada grau, enquanto relembra o precedente, contenha uma grande parte do seguinte; mas que só podemos realmente perceber quando atingimos esse novo grau. E o terceiro estado, aquele do Sofredor, ao contrário do que muitos pensam, é aquele no qual permanecemos, se tomarmos verdadeira consciência de nossa busca e não nos deixarmos levar por vãs e fugazes satisfações. Lembre-se do que foi dito a você durante sua recepção na Ordem: ‘Pois aquele que, tendo percebido a verdade, se recusa aos trabalhos necessários para alcançá-la, é mais infeliz do que aqueles que nunca a viram.’ O discurso, sempre insistindo na necessidade do trabalho, joga insidiosamente nos termos ‘perceber’ e ‘ver’. A isso acrescentarei o que o Eclesiastes cruelmente nos lembra: ‘Aquele que aumenta seu conhecimento aumenta seu sofrimento.’ Palavra dura, pois por natureza não gostamos de aumentar nosso sofrimento! Não se trata, portanto, de três estados de natureza impermanente, de três estados instantâneos que podem ser resolvidos sucessivamente, mas de um estado único de ser de composição trinitária complexa e exposto três vezes.

Mas, na verdade, esses três estados correspondem a uma tríplice via que já era evocada pelos

'buscadores' dos primeiros séculos de nossa era e amplamente discutida pelos pensadores medievais: uma via purgativa, uma via iluminativa, e uma via unitiva, ou talvez mais precisamente uma sucessão desses três caminhos estreitamente ligados na abordagem iniciática. E esse caminho, que só pode ser feito livremente apesar das dificuldades, já foi mencionado. Perguntaram-lhe várias vezes: 'É realmente livremente, senhor, que você empreende esse caminho?' E cada vez você respondeu: 'Sim!'

A via purgativa é aquela destinada a nos livrar dos hábitos adquiridos e de uma falsa tranquilidade de espírito resultante de certa autossatisfação. Essa autossatisfação, bastante natural, é um fenômeno bloqueador. Ela se opõe a todo progresso. Não é em vão que fomos despojados de nossos metais, pois já nos foi representada a irrealidade fugaz das glórias do mundo desde os primeiros instantes de nossa vida maçônica. Essas glórias são também os metais, mas metais dos quais é muito difícil nos desfazermos, tanto mais porque toda a nossa educação e vida social tendem a nos fazer procurá-los e nos dão o gosto de nos adornarmos com eles.

Não podem ser penetrados, no mais profundo do ser, por essa luz iniciática, aqueles que não a amam por ela mesma, no desinteresse absoluto, sem vontade de poder e sem buscar a aquisição de poderes, sem desejo de desfrutar de uma glória vã e de honras fúteis. Sem isso, não haveria senão dissolução nas trevas do mundo exterior, aquele que chamamos de profano, nem regressão e clarificação do ego, nem purificação das paixões, mas, pelo contrário, o risco de perversão negativa. Lembrem-se do que um dia disse o V.: M.: : "...aquele que ama a verdade deseja conhecê-la, a busca com ardor; persiste em procurá-la. Mas isso ainda não basta. O homem que quer descobri-la deve romper os laços que o prendem a si mesmo, afastar as ilusões que o enganam, vencer corajosamente os obstáculos." Pode-se ser mais claro?

Nunca nos esqueçamos de que a Luz divina, revelada e transmitida simbolicamente pela Ordem, deve encontrar a luz interior do homem para orientá-lo em sua perfeição, para a tomada de consciência de sua verdadeira natureza, para a descoberta de seu ser real. Essa luz existe em estado latente em cada um de nós; é a centelha divina de que nos falam os místicos renanos. Assim, a comunicação da luz iniciática nunca se tornará efetiva se a luz interior do indivíduo não a responder. É quando ela começa a responder, as escórias acumuladas e as "escamas" que cobrem nossa visão desaparecem progressivamente — esta é a via purgativa que pode nos levar ao caminho iluminativo para nos aproximarmos da compreensão suprema.

Então, a compreensão dessa luz não pode mais se fazer por uma percepção intelectual, mas por uma percepção imediata, uma percepção em outro nível, como já foi dito, que não pode mais ser verbalizada — as palavras sendo impotentes para expressar o inefável. Quanto à via unitiva, da qual podemos perceber o início, mas que permanecerá uma potencialidade... sua natureza nos foi discretamente indicada no dia de nossa recepção na Ordem, quando o V.: M.: nos disse, com uma voz forte: "O homem é à imagem imortal de Deus, mas quem o reconhecerá? Se ele mesmo a desfigura!"

Como sugeri-la com mais evidência? Nessa única frase está todo o esquema espiritual do RER (Regime Escocês Retificado), ao qual nos comprometemos livremente a seguir.

Category

1. Público